

REBECCA ROBINSON

A
SERPENTE
E O
LOBO

CONFIAR EM
ALGUÉM PODE
SER PERIGOSO.

AMAR PODE
SER MORTAL.

*Para Ben, que segurou minha mão no escuro
enquanto eu descobria minha magia.
Você ainda é a coisa mais amável que já me aconteceu.*



Sigguth

ICRURIA

Dihrah

Settara

Irhu

Mirrah

CISAL

UTHIBA





CAPÍTULO

I

Com uma corda sob um travesseiro e uma pequena lâmina escondida embaixo de outro, Vaasalisa Kozár se esgueirava por um cômodo mal iluminado do Grande Templo de Mireh.

Não estaria ali quando o sol nascesse.

As pessoas dançando no salão no andar de baixo do imenso templo eram a distração perfeita, com aquela música alta irritante e as danças em grupo, absortas em si mesmas e no hidromel, sem dar a mínima para a noiva ou o noivo.

Ela desprezava cada um dos presentes naquele grande salão. Cada pessoa que tinha comparecido àquela cerimônia que não passava de uma farsa.

Em especial seu irmão, Dominik, com o sorriso de serpente e o lustroso cabelo preto. Enquanto tirava o vestido de casamento, branco e horrendo, fantasias violentas pulsavam em sua mente. Tinha vontade de arrancar aquele cabelo e silenciar a risada insolente.

Mas a morte dele não era sua prioridade. De toda forma, Dominik já tinha voltado ao seu palácio e às suas lindas mulheres, em Asterya, o império natal deles. Ela não se importava com os motivos para a víbora do irmão lhe arranjar aquele casamento poucos meses após a morte do pai, poucas *semanas* após a morte da mãe. Era imperdoável. Era o tipo de coisa pela qual alguém podia perder a vida.

Vaasa não sabia se a morte seria o destino de Dominik, mas decidira que aquele casamento não seria o dela.

Tinha poucos minutos antes que o infeliz do seu marido viesse encontrá-la.

Reid de Mireh era um guerreiro enorme e brutal, o guardião de território mais jovem que Icurria já vira, e de longe o mais notório. *O lobo de Mireh*. Ele tinha olhado para o vestido branco dela como se detestasse a ausência de cor – como se detestasse Vaasa, talvez. Aquela nação exaltava cores fortes e matizes brilhantes, então ela deixou de lado a camisola branca que planejava usar e a trocou por uma vermelha, que ia apenas até o meio da coxa e tinha uma fenda que subia até o quadril direito. A seda fria deslizou pelo corpo. Deixando sua bolsa discretamente perto da janela, afundou nos lençóis de seda e cruzou as pernas de um jeito que as fazia parecer mais longas. De um jeito que esperava conseguir enredar Reid de Mireh.

Vaasa tinha estudado aquela nação à exaustão – assim como todas as outras ameaças ao reinado da família. Embora ninguém tivesse conseguido se infiltrar na Icurria ocidental e voltar vivo, a violência dominava os territórios orientais, que estavam à beira de uma guerra declarada contra Asterya. A república de Icurria começara como seis cidades-Estados independentes, unidas havia gerações. Os tutores de Vaasa tinham enfatizado sua estrutura política incomum: o governante eleito de Icurria, chamado de grande mestre, mudava a cada dez anos e era escolhido entre os guardiões dos seis principais territórios. Os cinco que não eram eleitos se tornavam os conselheiros do mestre. Eles o orientavam e, por fim, eram seus votos que selecionavam o governante seguinte. Dizia-se que o novo marido de Vaasa era a escolha mais óbvia para se tornar o próximo governante de Icurria – um senhor da guerra perigoso e violento, conhecido por não ter misericórdia.

Se isso fosse verdade, a pequena fenda na camisola poderia ser sua maior vantagem – o tecido se abriu sobre sua perna quando Vaasa se remexeu na cama. Até senhores da guerra eram homens, afinal, e homens eram quase sempre responsáveis pela própria ruína.

Os dedos dela coçavam para pegar a corda sob o travesseiro. A lâmina.

O guardião de Mireh provavelmente esperaria que a herdeira de Asterya fosse uma mulher recatada e bem-comportada, não a assassina em que o pai a transformara – a filha impiedosa e manipuladora que ele tinha exigido. A primogênita de Asterya não seria uma noiva inútil... Ela seria uma arma.

Após a morte dos pais, Dominik se tornou o imperador só por causa do que pendia entre suas pernas.

E tudo que Vaasa ganhou foi Reid de Mireh.

Ela ouviu passos se aproximando no piso de pedra do lado de fora.

A inquietação fez seu estômago se revirar por um momento, mas ela a sufocou com a força de um golpe. Medo era a emoção mais perigosa que podia sentir, a emoção que invocava a maldição infecciosa que se espalhava sob sua pele. Vaasa a imaginava como uma serpente, enrodilhada em suas entranhas, pronta para dar o bote. Poderia muito bem matar todas as pessoas naquele templo se deixasse aquela força escapar. Poderia acabar se matando também. Era muito mais fácil continuar com raiva. Não era uma vulnerabilidade.

Era a única emoção a que a maldição parecia dar ouvidos.

A porta se abriu, e o guardião de Mireh entrou com passos suaves, ocupando a maior parte da entrada com seus ombros extremamente largos.

Seus olhos se encontraram.

Vaasa se recusava a ter medo daquele homem, não importava a força que visse nele.

Mas houve um sussurro por trás daquela força, choque ou confusão ao vê-la sentada daquele jeito em sua cama.

O guardião de Mireh se transformou em um homem diligente e deferente, pragmático e calmo. Seu rosto recém-barbeado a fez questionar o que encontraria naquela mandíbula tão rígida – presas ou alguma outra característica abominável, algo como a magia e os monstros que diziam vagar por Icurria.

Porém, ele parecia apenas humano, assim como ela, um pensamento que a assombrara desde a breve e vazia troca de votos que tinham feito. Jovem, confiante. Estava vestido de preto e roxo, o cabelo escuro preso com uma fita de couro, e seus olhos curiosos passearam por ela, que esperava pacientemente na cama. Vaasa suavizou seu olhar e deixou a boca se curvar em um sorrisinho impressionado. Olhos dourados desceram para observar aquela boca. O guardião de Mireh era uma mosca na teia, com certo desejo mostrando-se no canto de sua mandíbula. Parecia um verdadeiro conquistador.

Vaasa ia desfrutar da sua fuga.

Saindo da cama, ela se aproximou. Reid não se moveu. Observou-a andar até parar bem na frente dele.

– Você fica bem de vermelho.

O sotaque ocidental dele flutuou entre os dois no idioma comercial dos icurianos, seus olhos erguendo-se para encontrar o oceano dos olhos dela.

– Você não pareceu gostar do branco – disse ela.

Os lábios dele se contraíram de surpresa antes de se abrirem em um sorriso genuíno.

– Desconfio que você seria capaz de parar meu coração vestindo qualquer cor.

Belas palavras. Erguendo a mão até o peito dele, no ponto bem acima do coração, Vaasa abriu os dedos e encostou a palma na seda do traje de casamento drapeado. Em vez de usar palavras, que raramente faziam jus a qualquer situação, deslizou as mãos para os botões da capa dele, bem na curva do pescoço, e começou a abri-los. Com cuidado, afastou o tecido frio dos seus ombros e expôs mais do seu peito nu.

Ele tirou a peça de suas mãos e a colocou delicadamente na cadeira que havia à esquerda.

Ela estendeu as mãos para o traje cruzado no peito, enfiando os dedos pelo tecido.

Reid a observou em silêncio, os olhos um pouco desconfiados, mas a respiração já ficando acelerada.

Ela tirou o traje cerimonial e se permitiu dar uma boa olhada em seu peito nu, de músculos definidos, coberto por uma tatuagem intrincada que se espalhava sobre a pele marrom-clara do ombro direito e pelo braço. A fragrância sutil de sal e âmbar alcançou seu nariz, um pouco doce e terrosa. Em qualquer outra situação, ela teria descrito o cheiro como irresistível. Teria admitido que o corpo dele, de pele marrom, iluminado por velas e coberto de tatuagens pretas, era mais atraente do que ela gostaria.

Mas não era para isso que estava ali.

Com desembaraço, correu um dedo até a cintura dele, então o guiou na direção da cama até que suas pernas encontrassem o colchão.

Perplexidade e excitação reluziam nos olhos de Reid, e ele entrelaçou os dedos nos dela, delicadamente levando sua mão aos lábios.

– Eu tinha esperança de que nos déssemos bem – disse Reid de Mireh.

Vaasa parou de morder o lábio inferior e abriu a boca para responder:

– Eu gostaria que isso acontecesse.

Pegando-a pela cintura, Reid os girou para guiá-la aos cobertores ma-

cios, indicando com a cabeça que ela se deitasse. Mantendo o olhar fixo no dele, Vaasa se acomodou na cama e subiu um pouco o corpo, só o suficiente para deixar a corda e a lâmina ao alcance de suas mãos.

A cama afundou quando ele apoiou os joelhos e se inclinou sobre ela. Só que aquela posição não funcionaria como Vaasa precisava.

Ela levou as mãos à calça do marido. Ele agarrou seu pulso.

– Você já fez isso antes, Vaasalisa?

Ela hesitou. Será que ele esperava castidade? Teria sido parte do acordo com o irmão dela?

– A verdade – pediu ele, erguendo a mão para afastar um fio de cabelo preto comprido de sua bochecha e descendo até o ombro dela. – A verdade sempre será melhor para nós.

A verdade era que os homens não sabiam distinguir uma virgem de um buraco numa árvore, não importava o quanto se enganassem. Ela duvidava que aquele homem ali soubesse. Mesmo assim, queria que ele a achasse inocente. Queria que a achasse dócil.

– Não – mentiu ela. – Mas ouvi dizer que é mais fácil para a mulher se ela estiver por cima. Se puder controlar a velocidade.

– E você quer fazer isso?

Se ela tivesse permitido, aquela pergunta – a severidade de sua boca firme e de seu cenho franzido – poderia tê-la paralisado.

– Sim, eu quero.

Ele tinha mesmo perguntado aquilo?

Reid assentiu, a empolgação retornando aos seus olhos tranquilos e aos ombros relaxados. Ele deslizou a mão até a base de suas costas e girou, colocando-se embaixo dela. Totalmente à sua mercê. Suas mãos eram delicadas, subindo pelas pernas dela, posicionando-se ao redor dos seus quadris.

– Então, por favor, continue – sussurrou ele.

Esse era o homem que governaria todas as cidades-Estados de Icurria por um ciclo inteiro?

Embaixo dela não havia lobo algum... só um tolo.

Fugir era a melhor escolha, então. Ele seria esmagado sob as botas de Asterya. O irmão dela não tinha interesse em negociações comerciais com um mero guardião de território, e ela não acreditava nas garantias que tinha recebido de que Reid se tornaria grande mestre ainda naquele ano. Ele

era um dos seis guardiões de Icruria e, ao que tudo indicava, o território de Mireh era o mais longe que chegaria.

Vaasa levou a boca à bochecha dele, roçando os lábios na pele macia e recém-barbeada. Teria preferido a aspereza de uma barba – um pensamento que guardou baixo em seu ventre. Desceu mais, as mãos passando suavemente pelos ombros dele, as unhas correndo por sua pele e deixando arrepios pelo caminho. Levou os lábios ao peito dele. Quando ela ergueu os olhos, por baixo dos cílios, ele perdeu o ar por um momento.

Erguendo-se, ela beijou seu pescoço de novo, uma mão deslizando do ombro dele para baixo do travesseiro.

Com um movimento veloz, ela pegou a lâmina e a encostou no pescoço dele. Bem onde seus lábios tinham estado.

– Coloque as mãos na cabeça.

Paralisado, os olhos parecendo se acender em alerta, Reid de Mireh não se mexeu.

Então se mexeu.

Ele girou com o foco de um assassino; os dois rolaram, a força do movimento quase fazendo Vaasa soltar a faca. A perna de Reid se enfiou entre as dela e manteve a vantagem até Vaasa descer a lâmina pela coxa dele. Reid soltou um grunhido com o corte, e ela conseguiu empurrá-lo para longe. Usando o próprio impulso para ficar por cima de novo, Vaasa apertou a faca contra a jugular dele e o joelho em sua virilha, pronta para atacar.

Dessa vez, Reid congelou.

Vaasa apertou a lâmina mais forte contra a pele ensanguentada.

– Faça o que mandei ou esses lençóis vão ficar vermelhos.

Ele obedeceu devagar e com precisão. Ergueu os braços e os encostou nos lençóis acima da cabeça, e ela o sentiu se tensionar quando apertou o joelho com mais força em sua virilha. Vaasa usou a mão livre para enrolar a corda nos pulsos dele e apertá-la bem, amarrando a ponta à cabeceira. O processo todo não demorou mais que uma respiração, algo que ela tinha planejado antes de ele entrar pela porta. Aquele único momento de vulnerabilidade tinha passado, e ela novamente se rebelou contra seu pânico crescente.

A maldição em suas entranhas sibilou, lembrando-lhe que, mesmo se pudesse controlar o homem sob ela, não conseguia controlar a infecção em seus ossos.

– Me conte uma coisa – pediu Reid com uma calma letal. – Você planejou me matar desde o começo ou me viu e decidiu que eu não era bonito o bastante para você?

Havia grandes chances de que nenhuma alma viva os interromperia naquela noite. O corpo dele só seria encontrado pela manhã, e àquela altura Vaasa já estaria longe.

Ela começaria uma guerra contra a nação mais brutal do continente e deixaria Dominik pagar o preço.

Apertou a faca um pouco mais forte. Com os olhos arregalados, ele disse, ofegante:

– Você não precisa fazer isso.

As palavras dele voltaram para assombrá-la, enrodilhando-se em seu estômago. Misturaram-se com a magia, a adrenalina e a urgência.

E você quer fazer isso?

Por que aquela pergunta deveria importar? Um ato de gentileza não apagava as coisas que ela ouvira sobre ele, as histórias de selvageria que a mantiveram acordada à noite, com um medo incessante, desde o anúncio do casamento. O guardião mais jovem de Icurria, que obteve a posição antes dos trinta anos. Ninguém obtinha poder tão rápido sem cometer algum mal.

Mas algo a intrigava. Mudava o aspecto do homem embaixo dela.

Alguém brutal pedia permissão?

Uma névoa preta começou a redemoinhar na ponta dos dedos de Vaasa, lambendo a pele sob a mandíbula dele. Sua magia.

Vaasa estava perdendo o controle.

Sentindo o coração saltar, fez um corte raso no pescoço dele.

– Não venha atrás de mim, ou vou terminar o que comecei.

Saltando da cama, ela escondeu as mãos e a lâmina, calçando as botas e vestindo a capa grossa revestida de pele que ele lhe dera no jantar como presente de casamento. Tirou a fina aliança dourada e a deixou na cômoda. De trás dela vieram sons baixos enquanto ele se debatia, mas Vaasa sabia muito bem como atar um nó. Jogou sobre o ombro a bolsa que tinha deixado perto da janela; enfiara ali as sedas dele e qualquer coisa remotamente valiosa deixada no quarto. Amarrando a capa, se virou e encontrou Reid observando-a com perplexidade, uma fúria ardente flexionando seus músculos enquanto seus braços forçavam a corda.

Se ele tivesse agido mesmo com brutalidade, se tivesse feito jus às histórias que as pessoas cochichavam no império dela, Vaasa o teria matado sem pensar duas vezes.

E você quer fazer isso?

Apenas palavras, embora, de certa forma, uma ação também.

Uma ação que salvara a vida dele.

– Esses nós foram bem amarrados – comentou ele, os olhos fixos nos dela, aquele sotaque entrecortado se transformando num rosnado raivoso.
– Você terá que me ensinar, para podermos trocar de lugar da próxima vez.

O desgraçado arrogante sorriu. *Sorriu*, como se achasse graça nela. Como se considerasse engraçado estar amarrado seminu na sua cama, na noite de núpcias.

Aquilo fez a maldição em suas entranhas e mãos começar a formigar. Começar a dançar em resposta às provocações dele. Escondendo as mãos da vista de Reid, Vaasa correu para abrir a janela. Ao se virar, viu um fio vermelho escorrendo pelo pescoço dele.

– Não haverá próxima vez, Vossa Alteza.

Ela saiu pela janela e a fechou silenciosamente. Através do vidro, ficou por um segundo vendo-o lutar contra os nós na cama. Observou a névoa preta que tomava suas mãos e ameaçava roubar toda a vida do seu corpo trêmulo.

Não podia permitir.

Fugiu pelo telhado do Grande Templo de Mireh, com o capuz da capa erguido para ocultar seu rosto, e desceu para a escuridão abaixo.

Primeiro, encontraria uma sodalidade: uma escola icruriana. Entretanto, não eram conhecimentos de história ou aritmética que buscava. Nenhuma magia pulsava em Asterya, mas a magia ali em Icurria era rara e tinha sido cobiçada pelo pai dela... e agora pelo irmão, que tinha tomado seu trono com igual crueldade.

Algumas pessoas costumavam chamar o pai dela de serpente.

Ele costumava chamar Vaasa de seu camaleão.

Misturando-se na multidão, como tinha nascido para fazer, ela fugiu da cintilante cidade de Mireh, vendendo as sedas de Reid para obter passagem para outra cidade-Estado. Se havia um lugar onde podia aprender sobre a maldição que afligia seus ossos, era em Dihrah, a Cidade dos Eruditos.



CAPÍTULO

2

Noite após noite, com um passe de acesso noturno em mãos, Vaasa entrava na Biblioteca de Una.

Normalmente, a torre de sete andares ficava abarrotada de acólitos em suas típicas túnicas, circulando por todos os andares e jogados nas poltronas e ao lado das mesas redondas, ocupando todo o espaço que queriam, com os narizes enfiados nos livros, lendo ou fingindo. Alguns levavam a sério seus estudos naquela sodalidade; outros, nem tanto. Vaasa aprendera a fazer a distinção depressa – e a agir como se pertencesse ao primeiro grupo.

Nos três meses desde que fugira de Mireh, aquela antiga biblioteca fora a única coisa que lhe dera qualquer consolo. Era o lugar mais silencioso da sodalidade.

Ela tinha aprendido a apreciar o silêncio.

Descobrira que Dihrah era conhecida não só por seus eruditos, mas por aquela biblioteca específica. O ateneu retangular mergulhava no subterrâneo, os sete andares se aproximando do centro do mundo, iluminados apenas pelas luzes douradas tremeluzindo em cada nível e pendendo do centro da torre. Com pisos de mármore marrom e vermelho polido, a biblioteca mística deixava Vaasa arrebatada. A primeira vez que a vira, ficara boquiaberta. Nada em Asterya era tão magnífico quanto aquele lugar, apesar do que certas pessoas orgulhosas queriam acreditar.

Quanto mais explorava a biblioteca, mais entendia por que a Icurria ocidental era tão isolada – seus territórios mais a oeste protegiam suas cidades

como a um segredo. Aquela era só uma das seis sodalidades de Icruria. Os espões do pai dela tinham se infiltrado em duas, no leste, mas nenhum dos homens mandados para o oeste tinha voltado. Vaasa não ficara em Mireh tempo suficiente para conhecer a cidade. Cortara o cabelo curto e se matriculara naquela sodalidade com um documento de identidade falsificado, e era só por isso que tinha acesso àquela biblioteca antiga. Só os estudantes de Dihrah eram permitidos ali.

Luminárias pendiam do centro da torre, balançando em alturas diversas, alimentadas pela pequena centelha de magia que os descendentes de Una carregavam. De cabeça baixa e com o capuz da túnica erguido, Vaasa caminhava o mais casualmente possível em meio às sombras lançadas pelo brilho dourado delas.

O melhor lugar para se esconder era em plena vista.

Se fosse reconhecida, Reid de Mireh – para não falar do irmão – viria atrás dela.

Vaasa desceu direto para o sexto andar, passando pelo lado ocidental, onde ficava a escassa seção de magia. Tinha esperado que a coleção fosse maior e mais útil, com textos atualizados. Nas semanas que passara vasculhando o lugar, não pôde evitar a sensação de que estava deixando algo passar. Como se houvesse uma verdade escondida naquela biblioteca, esperando para ser descoberta. Até o momento, não ouvira a magia ser discutida abertamente pelos acólitos, quase como se fosse tão sagrada, tão incompreendida, que não pudesse ser compartilhada nem entre eles.

Com passos suaves, percorreu uma das muitas fileiras de livros encadernados em couro e tirou seu próximo conjunto de textos da estante – autores com o sobrenome começando com V. Em vez de volumes sobre magia em si, vinha recorrendo a textos antigos sobre os deuses e deusas icrurianos. Os livros estavam empilhados na mesa que escolhera, a mais próxima da parede de pedra, como ficavam toda vez que ela tinha a liberdade de ler o que queria. Vaasa planejava permanecer sentada ali até amanhecer, pesquisando. Muitas vezes chegava às primeiras aulas sonolenta e bocejando, mas com algumas xícaras de chá se recuperava. Ali embaixo, na biblioteca, conseguia respirar. Ninguém ficaria desconfiado ao vê-la ali, isso se a vissem, e a maioria das pessoas que se encontrava lá tão tarde estava ocupada demais com as próprias tarefas para se importar com ela.

Vaasa mergulhou nos textos, perdendo a noção do tempo.

Já tinha aprendido sobre os deuses e deusas que davam nome às sociedades icrurianas, sobre como a magia que pulsava em Icruria supostamente vinha dessas divindades em si. Já lera sobre curandeiros e manipuladores de elementos, até alguns textos históricos sobre a época anterior à unificação de Icruria, quando guerras por magia e linhagens fizeram os rios correrem vermelhos. A maioria dos livros detalhava Una, o deus que aquela biblioteca específica homenageava.

Mas ele manipulava a luz, não uma névoa preta de morte que se esgueirava sob a pele das pessoas.

Ela correu os olhos pelas páginas em busca de uma descrição, a imagem em sua mente distinta e perturbadora. Como uma serpente. A maldição era como veneno e presas, escamas e aflição. Lendo, lendo, lendo, ela topou com uma palavra que nunca tinha visto: *Veragi*.

A deusa da feitiçaria.

A maior parte do texto era uma história inócua sobre o caso de amor dela com Setar, o deus da linguagem e da escrita. Mas, no meio do parágrafo, o coração de Vaasa deu um salto.

Névoa preta. Um vazio desprovido de sentidos, onde não há visão ou som ou cheiro, onde apenas a escuridão não estremece.

Os dedos frios de Vaasa começaram a tremer sobre a página empoeirada. Pele acinzentada e faces encovadas surgiram em sua mente, junto com olhos desprovidos de íris e completamente engolidos pela escuridão. Cabelo preto ficando grisalho e fino, como se a cor tivesse sido tomada de cada vinco e poro, como se a alma da mulher tivesse sido drenada do seu âmago. Sua mãe.

A imperatriz de Asterya era pouco mais que pele e ossos quando a névoa preta a deixou, o vestido de seda verde flutuando ao seu redor como se estivesse em uma piscina.

Não havia qualquer traço de sangue.

Só a fumaça preta oleosa rodopiando por sua pele, o aroma putrefato de carne morta enchendo as narinas de Vaasa.

Era essa *coisa* que Vaasa sentia dentro de si. Tinha extraído o ar do cômodo e arranhado sua garganta até escapar na forma de um grito de gelar os ossos, que ecoou por todos os corredores e passagens. Foi a primeira

vez que Vaasa sentiu a serpente em seu estômago. Os guardas apareceram, o mundo se curvou e borrou com a passagem brusca do tempo e, antes que ela pudesse começar a processar a tragédia, seu irmão, recém-nomeado imperador, a tinha mandado para Icuria para se casar com Reid de Mireh.

Disseram que o luto tinha levado a mãe dela.

Dominik insistiu que ninguém podia saber a verdade, senão saberiam que aquilo tinha infectado Vaasa também e começariam a questioná-lo. A magia não era tolerada em Asterya, muito menos pelo imperador. Os nobres asteryanos se voltariam contra ele. O conselheiro mais próximo de seu pai, Ozik, tinha posto fim a qualquer boato sobre o que acontecera antes que Vaasa saísse do quarto da mãe. Se um guarda tinha visto qualquer parte do ocorrido, morreria discretamente.

Silêncio, Ozik a alertara. Tronos são tão instáveis quanto nossa humanidade.

Aquela série de eventos era incompreensível. Se ela nunca se casasse, nunca seria uma ameaça a Dominik. Uma filha não podia assumir o trono asteryano. No entanto, caso fosse casada e a última herdeira viva, seu marido poderia se tornar imperador. Dominik passara a vida inteira removendo toda e qualquer ameaça à sua ascensão, então fora lá e criara uma. Por outro lado, quando Vaasa morresse da mesma forma que a mãe deles, Dominik ao menos teria ganhado *alguma coisa* com a existência dela.

Sal, o recurso mais precioso de Mireh.

Sua mão e sua vida tinham sido vendidas por sal.

Ela sentiu um aperto no coração. A primavera icruriana em que vivia no momento não conseguia afastar o frio. Aquela *coisa* ainda fluía por suas veias, cravava as garras em sua mente e se enterrava em seu peito.

Alimentava-se dela.

Vaasa jurava que podia senti-la ali, arrastando as unhas por seus músculos e tendões, gorgolejando em suas veias. Como se fosse senciente, aquela força ia aonde queria no corpo dela. Por longos momentos, Vaasa concentrou-se em respirar. Tentou livrar-se da sensação de que algo rastejava sob sua pele. Tentou afastá-la. A morte dela causaria uma guerra e daria a Dominik tudo que ela já desejara.

Ela fechou o livro com força.

– Aneta? – chamou uma voz melodiosa, seguida pelo farfalhar de uma túnica se arrastando no chão ao redor de uma estante.

Era uma mulher de cabelo escuro, com trajas simples, seu sorriso amistoso já largo e os olhos castanhos sem delineador cintilando. Aquela falta de adornos e maquiagem era muito diferente da moda em Asterya.

Aneta. Era um nome falso que tinha rabiscado no pergaminho dobrado que entregara para se matricular na sodalidade.

Vaasa revirou a mente em busca do nome da mulher que fazia com ela a aula matinal sobre as primeiras guerras de Icurria, que totalizavam sete.

– Brielle – disse Vaasa, lembrando, e forçou um sorriso, enfiando as mãos na túnica sob a mesa para esconder qualquer traço da névoa preta.

Vá embora, ordenou à força colérica, que se dissipou da ponta dos seus dedos e se escondeu de novo entre as dobras de seus órgãos e tecidos. Ainda presente, ainda ali, mas disposta a se esconder. Enrodilhada em sua barriga como uma cobra, a magia ficou ali, à espera.

Brielle apoiou as mãos no livro mais próximo de Vaasa, sua pele marrom-escura resplandecendo sob as luminárias tremeluzentes penduradas no teto e colocadas nas mesas de madeira.

– Não sabia que você tinha conseguido um passe noturno tão depressa.

Ela não tinha. Vaasa sorriu, erguendo o passe prateado como se estivesse igualmente surpresa. Não explicou nem deu abertura à conversa, esperando que Brielle fosse embora logo.

Mas a mulher não fez isso. Sentou-se na cadeira em frente à de Vaasa e correu os olhos pelos livros na mesa, reparando em cada um. Vaasa teve a distinta impressão de que, apesar daquele ar afetuoso, Brielle tinha uma inteligência aguçada. Provavelmente não esqueceria nenhum título.

– Está animada? – perguntou a outra, de repente.

Vaasa franziu o cenho.

– Animada?

– Para o guardião. – Brielle inclinou a cabeça. – Ele vem para uma visita amanhã. Não foi por isso que você saiu da aula uns dias atrás? Você não vai acompanhá-lo? É o que estão dizendo, pelo menos.

O coração de Vaasa subiu à garganta.

– Qual guardião?

– Koen – disse Brielle, como se fosse óbvio. Deveria ter sido. – Ele foi convidado a dar uma palestra daqui a alguns dias.

O guardião de Dihrah. Não o azarado marido de Vaasa, do qual tinha escapado de modo conveniente, ainda que violento. A imagem dele esparramado na cama, com as mãos amarradas e a garganta sangrando, pulsou em sua cabeça. Vaasa soltou o ar e deu de ombros.

– Não, na verdade só não estava me sentindo bem. Estou tendo dificuldade em me adaptar.

Isso deveria ser interpretado como uma fraqueza, uma vergonha. Ela esperava sinceramente que deixasse Brielle desconfortável a ponto de fazê-la ir embora.

– Ah, eu posso ajudar! Agora que você tem o passe, podemos nos encontrar aqui depois das aulas e estudar juntas.

– Hã, isso realmente não é...

– Eu insisto. Uma pessoa me ajudou quando eu cheguei aqui, só estou repassando o favor. Deve ter sido tão difícil vir para este lugar... Um dia você também vai poder ajudar alguém.

A cabeça de Vaasa girava, seu precioso tempo a sós escorrendo entre os dedos e escapando do seu alcance. Onde estavam os monstros brutais e malignos que seu pai tanto amaldiçoava? Os leviatãs implacáveis sobre os quais o irmão cochichava? Vaasa tinha se encontrado e negociado com outras pessoas da Icurria oriental, que eram mal-educadas e se enfureciam com facilidade. A Icurria ocidental era tão diferente assim?

Só conhecera pessoas calorosas, com sorrisos felizes e um ar contente.

O gosto acre de ressentimento e frustração tomou a língua de Vaasa, escapando em palavras ríspidas:

– Não preciso de sua assistência, Brielle.

Os olhos da mulher se arregalaram um pouco, deixando transparecer a mágoa, e então retomaram uma expressão neutra.

– Perdoe a oferta.

Brielle empurrou a cadeira para trás e seguiu até o fim das estantes, então parou e olhou por cima do ombro.

– Os livros sobre magia não são guardados na biblioteca principal – disse ela, os olhos pousando na mesa onde Vaasa empilhara todos os seus textos.

Como ela tinha entendido o que Vaasa estava procurando?

Merda. Ela abriu a boca, mas Brielle já se afastava sem outra palavra. Vaasa não a culpava nem um pouco. Foi ela que arruinou sua primeira oportunidade de obter alguma informação. Claro que havia volumes faltando ali. Onde ficava essa seção oculta da biblioteca? Se não a encontrasse, estava morta.

A pontada intensa de culpa e medo a obrigou a encarar suas mãos trêmulas.

A força profana corria sobre a ponta dos seus dedos como uma névoa preta cintilante. Parecia engolir suas mãos quanto mais seu medo crescia... quanto mais ela sentia. Alimentando-se.

Vaasa enfiou as mãos na túnica de novo, olhando ao redor, mas Brielle tinha desaparecido atrás das estantes de madeira. Ela estava sozinha.

Sempre tinha sido assim, ríspida. Talvez por isso a magia encontrara um lar dentro dela.

A cadeira fez um rangido terrível contra o chão de pedra quando ela a empurrou para trás, sacudindo as mãos. Lágrimas começaram a arder em seus olhos. A névoa só crescia, engolindo seus pulsos e antebraços, o pânico descendo abrasador pela coluna, e ela se enfiou num canto das paredes como se pudesse mergulhar nas sombras e nunca mais ser vista.

Será que aquilo tinha algo a ver com a deusa sobre a qual tinha lido? Veragi?

Era sua única pista. A única em meses.

Não estava progredindo. O único jeito de encontrar a verdade era com alguma ajuda, mas não havia ninguém ali de quem pudesse se aproximar o bastante para confiar seu segredo. Talvez Dihrah não fosse o melhor lugar para obter respostas, afinal.

Em sua mente, o rosto do irmão se contorceu em uma careta. Ela podia se ouvir implorando – tão desolada que estivera disposta a *implorar* – que ele não a sentenciasse à morte naquela nação. Sempre soubera que sua família era cruel, mas o pendor de Dominik pela tortura excedia em muito o dos pais.

Vaasa e o pai tinham um acordo: apesar de todas as coisas terríveis que ela tinha testemunhado, não sofreria aquele destino. Mesmo assim, ela se tornara uma ameaça à sucessão de Dominik, e não havia força no mundo capaz de convencê-la de que aquele casamento não fora ideia dele.

A magia demoníaca começou a se esgueirar pela parede em que ela estava recostada, as sombras lambendo a pedra e devorando a luz. Como se tivesse vida própria, sibilou e sussurrou em uma linguagem desconhecida aos ouvidos de Vaasa.

Com os dentes cerrados, ela gemeu baixinho, implorando à força para se dissipar, implorando que a deixasse e nunca mais voltasse.

A magia só cresceu e cresceu e cresceu.

Seria esse o momento em que a tomaria? Será que ficaria como a mãe, drenada e lívida no chão?

Vaasa fechou os olhos com força e se obrigou a respirar. A pensar em qualquer outra coisa.

Imaginou os livros. Tinha se dedicado ao aprendizado com toda a fibra do seu coração devastado. Lembrou que havia trabalho a fazer.

A névoa voltou para dentro de sua pele com um silvo ardente.

Ela cambaleou alguns passos para trás quando a náusea a tomou, ameaçando sua garganta já apertada. Vaasa se inclinou e apoiou as mãos nos joelhos sobre a túnica vermelha de acólita.

Fechando todos os livros depressa, ela os devolveu aos lugares certos nas estantes, que tinha anotado diligentemente, e não aos carrinhos rolantes que os severos bibliotecários usavam para rastrear o uso de cada volume. Levou-os um a um, as costas doendo do esforço, até não restar qualquer traço seu na mesa. Apesar do mal-estar, memorizou o título do volume com sua única pista.

Sua túnica farfalhou contra o piso de pedra e seus pés de chumbo a arrastaram pelas escadas, com o estômago embrulhado e as coxas doendo, até o andar principal. Evitando todos os olhos ao redor, ela foi quase correndo até a saída.

Mas um par de olhos capturou os dela, sua cor um ébano escuro e caloroso, envolto em tristeza.

Brielle, observando Vaasa com pena enquanto ela cambaleava da biblioteca até a latrina mais próxima.

Os joelhos de Vaasa bateram na pedra. Aquele cheiro fétido de carne podre e cabelo queimado desceu para o vaso e envolveu seu rosto enquanto ela tinha ânsia de vômito. Era o mesmo cheiro que tinha rodeado sua mãe morta e assombrado seus dias e noites.

Vaasa expeliu o conteúdo do estômago. Duas. Três vezes.

E então, quando parou, quando o fôlego voltou aos seus pulmões e só restava o gosto horrível em sua boca, ela viu seu vômito.

Preto.

Como a névoa.

Como a última cor dos olhos da mãe.



CAPÍTULO

3

Uma multidão de acólitos cercava Vaasa enquanto ela adentrava o enorme auditório.

No palco, na frente do recinto, havia um púlpito com um pequeno copo d'água. Os sábios marchavam com queixos empinados ao entrar no salão, descendo os nove lances da escada coberta de veludo preto até a seção frontal do auditório reservada para eles. Os acólitos tomavam seus respectivos assentos nas outras seções. A maioria trazia cadernos e canetas, alguns, lápis de grafite entre os dedos ou atrás das orelhas, e todos encontravam os amigos e acenavam uns para os outros. Os sorrisos eram abundantes, e ninguém disse uma palavra sequer a Vaasa.

Ela se sentou sozinha em um canto escuro, sem a menor ideia do nome do acólito que se acomodou ao seu lado. Com cabelo castanho curto e maneirismos parecidos com os dos outros, o rapaz nem se deu ao trabalho de olhar para Vaasa.

Cabeças giraram quando a grande sábia apareceu na entrada, e todos os acólitos se levantaram depressa, erguendo os olhos em respeito à mulher de ombros severos e língua mais severa ainda. Sua túnica distinta, feita de seda cor de terracota, arrastava-se atrás dela pelo auditório.

– Sentem-se, por favor – comandou ela. O mar de acólitos imediatamente se sentou. – E não é necessário cumprimentarem os guardiões.

Guardiões?

Atrás da grande sábia vinha um homem que não usava túnica, mas ele-

gantes tecidos vermelhos e dourados, que cobriam um ombro e desciam por seu torso. O mesmo tecido cintilante em formato de triângulo pendia de sua cintura e acabava logo acima dos joelhos. Ele usava uma calça preta. Era mais alto que a grande sábia, com cabelo castanho e o rosto de pele marrom-clara coberto por uma barba bem aparada. Seus olhos calculistas viajaram pela fileira de acólitos, e Vaasa notou que ele não portava armas. O homem não parecia um guerreiro, não da forma que ela esperava ou conhecia. Seus braços e pernas compridos a lembraram de raízes mergulhando fundo na terra firme. Junto com os óculos de aro de metal, o guardião de Dihrah não parecia em nada um guardião.

Não como o outro que ela conhecera.

Todos os acólitos seguiram as instruções, voltando os olhos ao sábio visitante na frente da sala. A túnica com capuz revelava sua estatura e senioridade enquanto ele deslizava pelo palco até o púlpito. Listras de todas as cores corriam o tecido preto que cobria seus braços.

E então outra pessoa cruzou a porta.

Todo o ar nos pulmões de Vaasa ficou preso na garganta.

Ali, usando seda preta e roxa, estava Reid de Mireh.

Houve um rebuliço no auditório, a reputação dele sendo suficiente para fazer cada acólito endireitar a postura e observá-lo com atenção.

Ao contrário do guardião de Dihrah, aquela montanha de ombros largos *parecia* muito bem um guerreiro, desde as roupas mais justas ao arsenal de armas pendendo dos quadris. Exatamente como Vaasa lembrava. Adagas afiadas e uma lâmina implacável de ônix pareceram dar uma piscadinha para ela. A lembrança de estar em cima dele, correndo a lâmina pelo lado esquerdo de sua mandíbula, surgiu na mente de Vaasa, e ela ficou tensa.

Usando um tecido parecido sobre o ombro e entre os joelhos, Reid ocupava quase todo o batente. Seus olhos examinaram o auditório. Seu rosto não estava barbeado, diferente da noite do casamento. No momento, uma barba escura escondia a cicatriz que ela certamente deixara, e seu cabelo castanho-escuro estava afastado do rosto, destacando a linha rígida da mandíbula. Ele lhe lembrava um predador, com seus olhos terríveis e aguçados e uma massa de músculos ainda mais terrível cobrindo cada centímetro do corpo. Naquele último encontro, Vaasa havia temido descobrir presas ou alguma outra feição monstruosa sob a boca enganadora – mas

não foi o que aconteceu. Parte dela sabia que ele a deixara correr a lâmina perto de sua garganta, sorrindo como se achasse engraçada a ideia de uma mulher de Asterya segurar uma faca.

Vaasa podia fazer – e faria – coisas piores com uma faca se ele se aproximasse.

Com a adrenalina ameaçando invocar a magia, ela apertou a caneta-tinteiro e cerrou um punho sob a mesa de madeira do assento.

Controle. Ela conseguiria controlar a maldição.

Se ele estivesse ali em busca dela, já estaria vindo em sua direção. Não se incomodaria em fazer um escândalo ou parecer um brutamontes – pessoas poderosas tomavam o que queriam e muitas vezes eram elogiadas por isso. Não, se ele soubesse que ela estava ali, não a teria deixado permanecer naquele assento.

Baixando a cabeça para as anotações e virando um pouco o pescoço, seu cabelo preto agora curto cobriu as bochechas e os olhos, escondendo-os inteiramente da vista dele.

Precisava sair dali. Tinha que fugir para bem longe, vender o que ainda tivesse e ir para algum outro lugar. Seu tempo em Dihrah fora um fracasso completo. Ela não encontrara quase nada para ajudá-la em seu propósito.

Era hora de recomeçar. De novo.

Mas não podia fugir naquele momento, nem nos seguintes. Tinha que manter um equilíbrio delicado; as pessoas já se perguntavam se seu lugar era ali na sodalidade, então, se desaparecesse, ninguém questionaria. Na verdade, era o esperado. Ela seria considerada apenas outra estudiosa fracassada.

Embora fosse uma experiência nova para Vaasa, ela percebeu que preferia ser um fracasso a um cadáver.

Se saísse rápido demais, porém, poderia levantar suspeitas. O guardião de Mireh perigava encontrá-la de novo.

Vaasa se perguntou se sua vida seria sempre assim, eternamente fugindo de homens indignos e mais poderosos que ela, com a maldição chacoalhando seus ossos, até ir parar em uma cova rasa.

Ela sempre quisera ver o mundo. Construir um lar em seu coração, em vez de dentro de uma fronteira.

Vaasa se movia alguns centímetros por vez, o mais discretamente possível, tão casual quanto qualquer outro acólito em um auditório com não

apenas um, mas dois guardiões. Para sua irritação, eles não foram embora. Assomando contra a parede esquerda, como se qualquer coisa que aquele instrutor dissesse pudesse ser considerada interessante, a grande sábia e os guardiões permaneceram plantados em seus lugares de honra.

Vaasa tinha o talento extraordinário de observar com atenção os lábios das pessoas, fingindo se concentrar em cada palavra, sem ouvir uma sequer. Era capaz de passar a vida na própria cabeça, sem precisar de nada fora dela para entretê-la. Para todos os outros, ela parecia focada, até fascinada, com a palestra dada por aquele sábio ancião.

Na verdade, nem sabia qual era o assunto.

Assim que as três horas acabaram, enrolou seu pergaminho e guardou a caneta na túnica, passando pelo enorme grupo de acólitos que cercavam os guardiões. Todos competiam pela chance de falar com eles e provar que eram importantes e inteligentes, mas Vaasa sabia que não precisava provar nenhuma das duas coisas.

Escapuliu para o corredor e voltou às pressas para seu quarto. Não podia ficar muito tempo ali; se entocar em um único lugar seria uma péssima escolha. Precisaria se esconder durante o jantar, esperar pacientemente que ele não a tivesse notado – ou que, se tivesse, não houvesse conseguido localizar seu nome falso e seu quarto –, e então achar uma saída da cidade.

Inferno, talvez da nação.

Mas não sem aquele livro.

VAASA DESCEU AS ESCADAS FURTIVAMENTE, com uma bolsa de couro escondida sob as enormes dobras da túnica. Esperava que ninguém a encontrasse entre as estantes empoeiradas da biblioteca roubando um livro ao qual não tinha direito algum.

Idiota. Era uma completa idiota.

Mas o livro era a única resposta que encontrara até o momento, e ela não conseguia se convencer a deixá-lo para trás. Não era pesado o bastante para reduzir sua velocidade ou impossibilitar uma fuga – caberia em sua bolsa, que estava quase vazia. E talvez, depois que tirasse o que precisava dele, pudesse vendê-lo.

A biblioteca estava deserta naquela noite, pois todos se encontravam

reunidos no salão principal para compartilhar uma refeição com os dois guardiões, e Vaasa apostava que seria o único momento em que conseguiria surrupiar o livro. Ao final do sexto lance de escadas, suas coxas protestavam, mas ela seguiu em frente até virar a esquina do lado ocidental, na quinta fileira, dezessete livros a partir do começo. E lá estava.

Encadernado em couro velho e amarrado com uma única fita, o livro parecia sua salvação. Vaasa o tirou da estante, afastou a túnica e abriu a bolsa.

– Essa é uma péssima ideia – disse uma voz rouca e familiar à sua direita.

As vogais abertas e palavras entrecortadas desceram pelas suas costas, que Vaasa prontamente endireitou.

Ali, encostado na mesa dela, com as mãos apoiadas na madeira como se fosse o dono de tudo à vista, estava o guardião de Mireh.

Nenhum dos dois fez menção de sair do lugar, mas Vaasa ajustou levemente o corpo, pronta para girar e correr. A morte assomava à sua frente; aquele homem a mataria pelo que ela tinha feito, tanto pelo constrangimento quanto pelo ferimento. Aquela cova rasa tinha vindo ao seu encontro, e tudo em seu coração se rebelava contra ela.

– Vossa Alteza... – murmurou ela por instinto.

– Aqui, não nos referimos a nossos líderes escolhidos como “Vossa Alteza” – informou ele com calma, ainda imóvel, embora seus olhos a percorressem da cabeça aos pés.

O guardião parou no pulso dela, que Vaasa jurava que ele podia ver e sentir lá de onde estava recostado, mas então seus olhos brilhantes capturaram os dela.

E, assim como tinha feito na cama, ele *avançou*.

Vaasa girou para a direita e correu, mas o guardião era rápido demais. Ela só chegou à metade da fileira de estantes empoeiradas antes que o braço dele cercasse sua cintura e a erguesse tranquilamente do chão, empurrando suas costas contra uma estante. Nem a força dela nem todas as suas tentativas de se debater o fizeram afrouxar o aperto; a execução do desgraçado era impecável. Estantes flanqueavam o corredor, deixando saídas apenas à esquerda e à direita. Uma mesa bloqueava a saída à esquerda, e, presa entre ele e uma longa estante, ela estava a pelo menos dez passos do corredor principal à direita. Vaasa olhou por cima do ombro dele, focando a estante à sua frente, sua chance de escapar desaparecendo.

– Eu teria te dito, se você tivesse se despedido direito, que deveria me chamar pelo meu nome – disse Reid, assomando sobre ela e praticamente a desafiando a tentar fugir de novo.

O corpo dele cobria todo o dela. Perto demais... ele estava perto demais. Fogo e raiva se reviravam na barriga de Vaasa, e ela estreitou os olhos, finalmente erguendo-os para Reid.

– Teria mesmo? Mal nos conhecemos.

Ele fez um muxoxo – de diversão ou de desagrado, ela não tinha certeza – e então recuou, dando um pouco mais de espaço a ela.

– “Marido” também serve, dado que é meu outro título.

Vaasa bufou, contraindo os lábios.

– Não somos casados.

– Com todo o respeito, discordo.

– Com todo o respeito, não me importo se você concorda ou discorda.

Então ele sorriu, olhando por um momento para o volume que caíra aberto no chão.

– Se você roubar isso, serei obrigado a relatar à grande sábia. Não gostaria de descobrir qual seria a punição escolhida por ela.

Será que Vaasa podia largar o livro ali? Será que sequer tinha uma chance de fugir? Ela só precisava de uma saída, um caminho para a liberdade e as escolhas, pelo máximo de tempo que conseguisse.

– E se eu não roubar?

– Então é um motivo a menos para brigarmos. Picuinhas de marido e mulher não são divertidas, pelo que ouvi dizer. Não que minha esposa tenha ficado em casa por tempo suficiente para eu descobrir se são ou não.

Os olhos de Vaasa reluziram de raiva, e Reid pareceu se deleitar, querendo gravar todos os detalhes daquele momento. Era isso que o excitava, então? Ameaças e controle?

Ela o deixara viver porque pensara que ele fosse diferente.

– Me solte – exigiu ela.

– Só depois de discutirmos suas opções.

– Minhas opções? – sibilou Vaasa. – Devíamos discutir as suas, isso sim. Saia da minha frente ou vamos reviver a última vez que você se viu no lado errado da minha lâmina.

Ele ergueu uma sobrancelha no exato momento em que ela encostou

a adaga escondida na túnica contra a barriga dele. Vaasa a pegara quando Reid olhara de relance para o livro.

A mesma arma que tinha escondido sob o travesseiro.

Surpresa e uma pequena centelha de aprovação cruzaram os olhos dele, dançando nos pontinhos laranja e pretos entremeados no dourado. Ele deu um passo para trás, depois outro. Vaasa o acompanhou de perto, empurrando-o com a adaga até ele encostar na estante oposta. Até que fosse o *seu* corpo controlando os movimentos dele. Até que *ele* não tivesse rota de fuga.

Ela arrastou a lâmina pelo peito dele, parando na garganta.

Vaasa ficou em choque quando viu Reid erguer o queixo quadrado, expondo o pescoço a ela.

– Vá em frente.

A ansiedade revirava seu estômago, e ela o encarou com ferocidade, seus rostos a centímetros de distância.

– Você não vai fazer isso, vai? – perguntou ele, a garganta ainda exposta, virando um pouco o rosto para que a parte inferior de sua mandíbula ficasse visível. O lado direito, dessa vez. – Faça outro corte para combinar, Indomável.

Os lábios de Vaasa se entreabriram.

Tão rápido quanto tinha se movido antes, ele agarrou a mão com que ela segurava a lâmina, apertando seu pulso e a empurrando com força. Reid lhe deu uma rasteira, e ela começou a cair. Com um passo largo, ele a empurrou contra a estante da qual Vaasa tinha acabado de se livrar, seu peso fazendo todo o trabalho por ele. Vaasa sentiu a madeira contra as costas. Um grito de dor ameaçou escapar, mas ela o conteve.

– Achei mesmo que não – rosnou ele, a raiva transbordando das palavras enquanto a adaga caía no chão. Reid aproximou o rosto do dela, não lhe dando mais o espaço de antes, como se ela tivesse perdido o direito. – Agora vamos conversar como seres humanos ou você prefere continuar essa dança?

– Cretino – disparou ela.

– Talvez eu prefira *Vossa Alteza*, afinal.

Vaasa tentou se desvencilhar da mão ao redor dos seus pulsos, com uma raiva que jamais sentira pulsando na cabeça. No peito. A serpente em seu

estômago começou a subir para a garganta, e ela soube que tinha poucos momentos antes de se revelar.

– Me solte – exigiu ela. – Me...

– Escute por *um* momento e eu solto – disse Reid.

Ela apertou os lábios. Examinando o rosto dele e decidindo que estava sendo sincero, ela assentiu, sua resistência se aquietando e a maldição zumbindo logo abaixo da pele.

O guardião de Mireh inspirou fundo, se empertigou e deu um passo mínimo para trás, de modo que ela tivesse espaço para respirar. Imperturbável, ele relaxou os ombros como se tudo aquilo não tivesse exigido esforço, com uma das mãos ainda encostada na estante, ao lado da orelha esquerda dela, e a outra pendendo na lateral do corpo, como se quisesse enfatizar o espaço que estava dando a Vaasa. Ela girou os pulsos e estudou uma estratégia de fuga, notando onde o corredor de estantes se abria para o corredor principal.

– Onde você esteve? – perguntou ele, por fim.

Vaasa não respondeu. Só o encarou com frieza, esperando por suas supostas “opções”. Reid pareceu entender sua linha de raciocínio, porque mudou de abordagem. Inclinando a cabeça, perguntou:

– A magia já venceu você?

O coração dela despencou, mas Vaasa não permitiu que os músculos do seu rosto tivessem um espasmo sequer. Não reagiria nem revelaria nada.

– Não sei do que está falando.

– A magia cobriu suas mãos na noite em que você quase cortou minha garganta. Achou que eu não fosse reparar?

Vaasa não conseguia se mexer. Não tinha tempo para deliberar ou calcular uma nova estratégia. Em vez disso, manteve a voz neutra:

– O que você sabe sobre a magia?

– Muito.

Ele ofereceu essa única palavra e nada mais. O silêncio pairou entre eles enquanto Vaasa considerava suas opções e tentava fingir que não estava disposta a tudo para conseguir a informação que ele estava escondendo.

– O que você quer? – indagou ela.

Sabendo que tinha a situação a seu favor, o guardião de Mireh afastou a mão da estante e deu dois passos para trás, concedendo a ela todo o espaço

que desejava. De que precisava. Ela podia fugir agora; conseguiria chegar ao final das estantes.

Com os braços cruzados, ele disse:

– Acredito que podemos ajudar um ao outro.

Vaasa ergueu as sobancelhas. Ele queria fazer um acordo? O que ela poderia oferecer a um guardião?

A estante da frente rangeu quando Reid se recostou ali. Os dois se encararam.

– Você sabe alguma coisa sobre como funciona nossa transferência de poder?

– Só um pouco – mentiu ela.

Ele riu.

– Mentirosa.

Torcendo os lábios, ela deu de ombros. Nos olhos dele, viu o brilho intenso do desejo por um título e de um senso de importância. Vaasa tinha passado a vida entre homens sedentos de poder e conseguia identificá-los com facilidade.

– Sei que você provavelmente vai ser eleito.

– E seria um grande golpe à minha reputação se descobrissem que minha noiva asteryana fugiu depois de me amarrar ao leito de núpcias.

Vaasa entendeu, então, qual propósito servia a ele. Soube com tanta certeza que um calafrio desceu por sua coluna, mesmo que não devesse importar.

– Me conquistar tornaria você digno dos votos deles, então?

Os olhos de Reid cintilaram de divertimento, e ele controlou um sorriso crescente.

– Conquistar você com certeza me deixaria morto, Indomável. Mas você feriu meu ego profundamente.

– É mesmo?

– Eu fiz um acordo com o seu irmão na esperança de provar que poderia consolidar uma aliança entre nossos povos. Sua ausência ameaça estragar tudo. Já faz tempo demais que estou guardando segredo sobre isso.

Dominik não sabia que ela tinha fugido?

– Você não devia querer uma aliança com meu irmão – alertou Vaasa.

– É verdade. Mas vários dos senhores do sal querem, e imagino que, se alguém tem que entrar no covil do leão, eu sou o mais qualificado.

Resistindo ao impulso de revirar os olhos, Vaasa se recostou mais um pouco na estante de madeira às suas costas. Ele não era o mais qualificado, mas ela nunca diria isso. Estava familiarizada com o equilíbrio frágil entre um governante e as pessoas que mantinham a economia funcionando. A diferença era que, em Asterya, seu pai sempre fizera os nobres e mercadores servirem a ele. Será que Reid não conseguia lidar com os homens que colhiam e vendiam seu sal?

– Você não disse que seu ego estava ferido?

– Ferido, não destruído.

Ela bufou de leve.

– Não entendo o que você quer de mim. Deve saber que não posso vencer meu irmão a fazer nada que ele não queira.

– Não preciso de você por causa do seu irmão. – Ele franziu a testa como se não conseguisse decidir o quanto revelar. – Ninguém nunca assumiu a posição de grande mestre sem uma consorte igualmente forte. Preciso de uma esposa asteryana que não renegue nosso acordo. Como vou provar meu potencial para liderar Icurria a uma era de acordos comerciais se não conseguir manter meu relacionamento com o seu império?

Vaasa queria dizer que não era capaz de mudar os fatos, mas, em vez disso, declarou:

– Eu não quero estar casada.

– Percebi.

– Então não sei o que posso lhe dar além de um conselho: ser o governante de qualquer coisa é um trabalho que corrompe. Você não será mais o mesmo. Se você valoriza algo sobre si... e imagino que valorize, levando em conta seu ego resiliente... contente-se em ser um guardião e cuidar do seu povo.

Para a surpresa de Vaasa, Reid refletiu sobre as palavras dela por um longo momento.

– Eu também posso precisar da sua sabedoria, pelo visto, embora me pergunte se sua visão pessimista sobre a governança vem de um exemplo diferente do que eu tive.

– E eu me pergunto se todo homem que usa uma coroa não pensa o mesmo.

– Ainda bem que não há coroas envolvidas aqui.

Ela bufou de novo. Não importava que os guardiões e grandes mestres não usassem uma coroa formal – eles brincavam de Deus, independentemente do metal em suas cabeças ou dos títulos que assumiam.

– Além disso – continuou Reid –, parece que você também precisa de uma coisa. Se não aprender a controlar sua magia em breve, ela sem dúvida vai matá-la.

Vaasa sabia pouco sobre o que corria sob sua pele, mas sabia que não era uma bênção. Era só um parasita que a possuía. Ainda assim, a ideia de uma morte iminente a fez estremecer.

– É uma maldição. Pretendo me livrar dela.

Com um olhar estranho e incrédulo, ele disse:

– A névoa preta vazando da ponta dos seus dedos vem da minha terra natal, Mireh. É magia veragi, e conheço uma mestra no assunto.

Vaasa o encarou, inexpressiva, forçando o rosto a permanecer neutro apesar do coração martelando no peito. Era a palavra exata que tinha lido naquele volume, embora nunca a tivesse ouvido em voz alta.

E ele conhecia alguém que a tinha dominado? Em *Mireh*?

Acreditava em muitas coisas – até em magia e monstros –, mas nunca tinha acreditado em coincidências.

– E, claro, eu ofereço moradia, comida e roupas. Posso até estar disposto a lhe dar outra daquela capa revestida de pele que te ofereci e, de alguma forma, acabou nos ombros de um homem nos Picos de Surmeny.

O estômago de Vaasa se contraiu de vergonha, mas ela afastou o sentimento e tentou apurar os ombros como se não sentisse qualquer culpa sobre o incidente. Não deveria. Reid a tinha comprado, negociando-a como se ela fosse gado, assim como qualquer outro homem em busca de poder inevitavelmente faria. Ela era um meio para um fim.

– Qual é sua proposta, então?

Alívio, breve mas nítido, cruzou o rosto de Reid.

– Proponho o seguinte: você age como minha esposa por um tempo e eu te ajudo a descobrir tudo que quiser sobre a magia veragi.

Tentador, Vaasa tinha que admitir. E relativamente fácil. Significaria parar de fugir e talvez encontrar respostas.

Mas também significaria se colocar no caminho de Dominik.

– E quando nos separamos? – perguntou ela.

Ele respondeu à sua pergunta objetiva com calma, sem hesitar:

– Depois que o ciclo eleitoral passar e você tiver aprendido a controlar ou conter a magia com segurança... Digamos que em uns três anos? Aí eu ofereço a você uma separação legal e a envio para onde quiser.

Por pouco o queixo de Vaasa não desabou. Se eles se separassem legalmente, Reid não teria mais direito ao trono asteryano. Ela poderia fugir, criar uma vida nova em algum lugar, e Dominik não se sentiria ameaçado a ponto de persegui-la.

– E você vai lidar com as consequências de uma separação?

Não seria contraintuitivo para a imagem que ele queria cultivar?

– Há poucas coisas que eu temo, Indomável.

Indomável. Se eles seguissem em frente, Vaasa teria que dar fim àquele apelido. Correndo a língua pelos dentes, ela relaxou um pouco mais contra a estante.

– Se eu recusar, você vai me deixar ir embora?

Os olhos dele escureceram, como se só a insinuação já fosse absurda.

– Você não é uma prisioneira, mesmo se aceitar. Se puder confiar em alguma coisa sobre mim, que seja a promessa de que eu nunca a obrigarei a fazer algo contra a sua vontade.

– Você se casou comigo contra a minha vontade.

– Eu não estava ciente das suas objeções.

– Teria importado?

– Teria mudado tudo.

O mundo oscilou com essas simples palavras. *Teria mudado tudo.*

– Se vamos fazer isso – continuou ele –, vou esperar uma cúmplice disposta e engajada, em quem eu possa confiar. Preciso que Icruria acredite que estamos felizes juntos. Que nossa união é forte o bastante para representá-los.

Vaasa queria lhe lembrar que já tinha encostado uma faca em sua garganta duas vezes, mas aquilo seria dar um passo para trás. Não conseguia decifrá-lo, não conseguia ver nada além da esperança e da voracidade em seus olhos, além da determinação de fazer o que fosse necessário para obter a única coisa que já desejara.

Ela odiava todo homem que colocava o mundo sob os pés e decidia que tinha direito a ele. Que decidia que as pessoas não eram nada além de peões criados para alcançar essa meta.

Mas ele não a via como um peão naquela noite. Ele a via como uma parceira.

Ir com ele era a opção mais rápida e segura, com os maiores benefícios. Se ela tirasse as emoções da equação, a decisão era fácil.

– Eu vou partir amanhã – murmurou Reid. – Ao amanhecer. Estarei no escritório da grande sábia esperando por você se escolher ir comigo.

Ele se virou, chutando a faca de volta para ela enquanto seguia com passos confiantes até o fim do corredor.

– E se eu não for? – Vaasa ousou perguntar, e os ombros dele se enrijeceram.

Reid parou e virou a cabeça para ela.

– Então vou presumir que essa é sua resposta e oferecerei um divórcio legal assim que pedir por um.

Vaasa soltou o ar devagar.

E o guardião de Mireh desapareceu entre as estantes, deixando-a sozinha com seu choque e confusão.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

